

# AUGUSTO DOS ANJOS: O POETA MULTIFACETADO

---

Carla Kühlewein \*

**RESUMO:** Por uma questão didática, há muito tempo convencionou-se enquadrar poetas, prosadores e dramaturgos brasileiros em escolas literárias que nem sempre condizem com os aspectos iminentes em suas obras. Nesse rol de escritores “mal ajustados” destaca-se, nesse artigo, Augusto dos Anjos, poeta estudado durante a formação escolar e, muitas vezes até no ambiente acadêmico, como o poeta “de transição”. É sobre essa óptica que se procura observar mais de perto a obra de Augusto dos Anjos, buscando ressaltar-lhe a variedade de estilos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Augusto dos anjos; estilos; didática.

**ABSTRACT:** Just because a didactic reason, since a long time, the brazilian literature writers have been named by some kind of style e manner presented in certain academics classification that doesn't includes the poet Augusto dos Anjos called then as a transition poet. In fact, he doesn't take care of rules or writing ways. That's the theme of this article.

**KEYWORDS:** Augusto dos Anjos; style; didatic.

É comum encontrar em livros e sites de literatura o poeta Augusto dos Anjos enquadrado didaticamente como pré-modernista ou até mesmo como simbolista. O livro didático *Língua e Literatura*, organizado por Faraco e Moura, adotado na década de noventa pela rede pública de ensino, traz uma justificativa curiosa a respeito do “não-enquadramento” desse escritor em alguma estética literária:

A poesia de Augusto dos Anjos não encontra paralelo em nossa literatura. Quando se publicou *Eu* ainda era grande e a influência de Olavo Bilac em nosso meio cultural. Contrariando os padrões de “bom gosto” então vigentes para a camada considerada culta, o poeta incorpora em sua linguagem os termos da ciência da época e trata de temas incomuns na literatura brasileira. (1999, p. 398)

Na verdade, esse poeta parece estar mais “encurralado”, “encalacrado” do que propriamente engajado em alguma estética literária, talvez justamente porque, como a imensa maioria dos poetas modernos, ele não se enquadre exatamente nem nesta nem naquela escola. É assim que ficam os escritores que não se encaixam em algum estilo literário didaticamente

---

\* Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Paulista de Assis (UNESP). Atualmente, é revisora de Texto da Editora do Grupo Expoente.

apertado e sufocante: à margem, ao léu, vão para o rol dos “poetas de transição”.

O próprio termo “transição” além de vago é controverso, pois o poeta que carrega esse rótulo parece trazer consigo a ideia de que seu estilo não é próprio, muito menos acabado, já que está sempre em transição. Afinal de contas, o poeta transita de que para que? Enfim, Augusto parece estar literalmente voando entre os anjos, abaixo ou acima da terra num entremeio que ninguém sabe ao certo identificar qual é.

Sob esse aspecto seria óbvio afirmar que esse poeta encontra-se em desvantagem em relação a outros da Literatura Brasileira, tão devidamente enquadrados, como Olavo Bilac, por exemplo, que virou quase sinônimo de Parnasianismo.

Por outro lado, estar à mercê, ou mesmo “voando” por entre as escolas literárias implica, de certa forma, estar à parte das características, tendências e demais aspectos que se possam atribuir a qualquer período literário. Ou seja, livre dessas “amarras” é possível observar esse poeta sob outro contexto que não sejam os já pressupostos. Ou melhor, a partir desses mesmos pré-conceitos pode-se descobrir um Augusto dos Anjos multifacetado, que num misto de: meio isso, meio aquilo, apresenta, em determinados poemas, uma forte tendência para outros estilos literários antecedentes ao Modernismo.

## O ROMANTISMO DE BYRON

Uma das características mais ressaltadas em livros didáticos sobre Augusto dos Anjos diz respeito a sua linguagem. O emprego de termos tidos como “grotescos” para a poesia como “gérmen”, “verme”, “amoníaco”, “carbono”, “hipocondríaco”, é apontado como o indício de inovação apresentada pelo poeta e conseqüentemente o aspecto que justifica sua classificação como um poeta moderno. Muitos desses termos não muito literários encontram-se em um de seus poemas mais conhecidos, *Psicologia de um vencido*:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundíssimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário das ruínas —

Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há-de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!

Não se trata apenas do emprego de termos grotescos, mas de toda uma linguagem construída para transmitir a ideia da matéria monstruosa da qual todo o ser humano é constituído. Cada centímetro desse poema parece estar dedicado a um único propósito: despertar a ânsia, a repulsa, a repugnância. O “sangue podre das carnificinas”, a “influência má dos zodíacos” são expressões que evidenciam o monstro que se cria e se consome a cada dia. O que mais choca ou pretende chocar nesse poema parece ser o fato de que é o eu-lírico observa a todos esses aspectos nele mesmo. Diante disso, cria-se uma esfera impregnada pelo sentimento de repulsa, provocada principalmente pela consciência última de uma autoanálise física e científica detalhada do que nós, seres humanos, viemos e ao que voltaremos.

Não seria espantoso ou ao menos curioso perceber que há alguns séculos atrás termos como “verme” e “sangue” já haviam sido empregados?

O poeta romântico Lord Byron compõe, por meio de uma linguagem peculiar, um poema de título um tanto quanto sugestivo: *Versos inscritos numa taça feita de um crânio*:

Não, não te assustes: não fugiu o meu espírito  
Vê em mim um crânio, o único que existe  
Do qual, muito ao contrário de uma frente viva,  
Tudo aquilo que flui jamais é triste.  
Vivi, amei, bebi, tal como tu; morri;  
Que renuncie a terra aos ossos meus  
Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme  
Lábios mais repugnantes do que os teus.  
Onde outrora brilhou, talvez, minha razão,  
Para ajudar os outros brilhe agora e;  
Substituto haverá mais nobre que o vinho  
Se o nosso cérebro já se perdeu?  
Bebe enquanto puderes; quando tu e os teus  
Já tiverdes partido, uma outra gente  
Possa te redimir da terra que abraçar-te,  
E festeje com o morto e a própria rima tente.  
E por que não? Se as fontes geram tal tristeza  
Através da existência - curto dia -,  
Redimidas dos vermes e da argila  
Ao menos possam ter alguma serventia.

Percebe-se que uma esfera semelhante à do poema de Augusto se cria no de Byron. Da mesma forma, o eu-lírico dirige-se a si mesmo em atitude de auto-observação, no entanto, o clima funesto é intensificado pelos versos que estão inscritos na cabeça de um crânio, bem ao gosto mórbido do poeta.

Literariamente Byron inaugura o estilo romântico na Inglaterra que mais tarde influenciaria escritores expressivos do Romantismo no Brasil como Álvares de Azevedo, o qual, por esse motivo, é apontado como o “Byron brasileiro”, outro dado questionável, mas por hora fiquemos com os Anjos.

A proximidade entre alguns aspectos do estilo romântico e do moderno não é, obviamente, mérito desse pequeno artigo, Antonio Candido já faz menção à proximidade desses dois estilos, principalmente no que diz respeito à inovação de aspectos formais da literatura e introdução de outros tantos novos:

Na Literatura Brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836 – 1870) e o chamado Modernismo, no presente século (1922 – 1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no modelo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. (CANDIDO, 2000, p.112)

Não fosse pelo contexto histórico em que está inserido, Augusto dos Anjos poderia passar perfeitamente por um poeta romântico. Levando-se em conta, é claro, alguns de seus poemas com tais características. Ou poderíamos ainda emprestar aquele conceito tão empregado quando se trata de Literatura Contemporânea: tendência. Ou seja, o nosso homem Augusto poderia ser bem identificado como um poeta moderno com fortes tendências românticas.

## O BARROCO DE GREGÓRIO

É interessante notar a quantidade de sonetos escritos por Augusto dos Anjos. Isso fica ainda mais interessante se pensarmos que o Modernismo, desde os primeiros formatos, propunha exatamente uma revolução literária, a começar pela forma. O que implica, portanto, na negação do que se foi e a busca por novas formas de expressão. Nesse ínterim, mais uma vez está lá o poeta dos Anjos, compondo sonetos, forma tão arcaica quanto o criador dela, Petrarca, e que Augusto escolhe para

expressar a seu “jeito moderno” de sentir e expressar o mundo. Até aí, nenhuma inovação formal.

Dentro dessa quantidade significativa de sonetos, encontramos um que chama a atenção justamente por fazer referência a uma figura feminina, assunto raro, senão quase imperceptível no poeta:

Pecadora

Tinha no olhar cetíneo, aveludado,  
A chama cruel que arrasta os corações,  
Os seios rijos eram dois braços  
Onde fulgia o símbolo do Pecado.

Bela, divina, o porte emoldurado  
No mármore sublime dos contornos,  
Os seios brancos, palpitações, mornos,  
Dançavam-lhe no colo perfumado.

No entanto, esta mulher de grã beleza,  
Moldada pela mão da Natureza,  
Tornou-se a pecadora vil. Do fado,

Do destino fatal, presa, morria  
Uma noite entre as vascas da agonia  
Tendo no corpo o verme do pecado!

Já o título do poema traça o perfil da mulher a que o eu-lírico se refere: pecadora. Logo nos primeiros versos se é possível perceber porque a mulher é descrita enquanto tal: a “chama cruel”, “os seios rijos” tornam-na símbolo do pecado, da tentação. A descrição detalhada do aspecto físico da mulher revela a sensualidade dela, o que justifica a definição, no último verso, de portadora do “verme do pecado”.

Há uma profunda contradição no poema, revelada principalmente na terceira estrofe, quando ficam claras as duas faces dessa mulher: bela, porém, pecadora. Se tomarmos a palavra ‘pecado’ sob o significado de ‘proibição’, é possível perceber o quanto esse eu-lírico está confuso diante dessa mulher que é tida por ele como a própria tentação do pecado.

Não parece um tanto antiquado, ou melhor, “demodê” fazer uso de um conceito tão antigo quanto o do pecado? Afinal, o que pode levar um escritor moderno como Augusto dos Anjos a estabelecer essa relação mulher/pecado presente no mito bíblico da criação do mundo?

Seja como for, o resgate da figura de Eva enquanto mulher sedutora e que induz ao pecado está longe de ser uma inovação exclusiva desse poeta moderno, pois já no século XVI Gregório de Matos havia composto um poema com semelhantes características:

## Lírica

Não vira em minha vida a formosura,  
Ouvia falar nela a cada dia,  
E ouvida, me incitava e me movia  
A querer ver tão bela arquitetura.

Ontem a vi, por minha desventura  
Na cara, no bom ar, na galhardia  
De uma mulher, que em Anjo se mentia,  
De um sol que se trajava em criatura.

Mantem-me, disse eu, vendo abrasar-me  
Se esta a causa não é, que encarecer-me  
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me!

Olhos meus, disse então, por defender-me,  
Se a beleza hei de ver para matar-me,  
Antes, olhos, cegueis, do que eu perder-me.

Curiosamente, ou nem tanto assim, Gregório compõe uma mulher tão antagônica quanto se mostra a “pecadora” de Augusto dos Anjos. Assim, tanto em um quanto em outro poema a figura feminina é traduzida por uma linguagem dicotômica que lhe ressalta duas facetas distintas: a imagem de santa e pura contrastando com a de bela e sedutora.

Em *Pecadora* Augusto dos Anjos parece despir-se da linguagem grotesca para ocupar-se de uma descrição detalhada de como é a mulher que dá título ao texto. A segunda estrofe desse poema é dedicada à exaltação das qualidades dessa figura, para nas duas estrofes seguintes ser tudo renegado e revelar-se o que parece vir revelado como a verdadeira face da mulher. Eis que por trás de toda a beleza e altivez esconde-se um “ser vil” capaz de conduzir a mais inocente criatura ao pecado.

Revestido do que lhe é próprio, Gregório de Matos descreve uma mulher com semelhantes características contrastantes, no entanto, com a agravante que o eu-lírico cria uma expectativa em relação a ela, já que ouvira falar tanto de “tão bela arquitetura”. Se o dizer das línguas é certo, parece que a propaganda aqui realmente é a alma do negócio, nesse caso, do poema. Tanto isso é verdade que, envolto pela imagem que cria da mulher formosa, o eu-lírico não se decepiona ao conhecê-la e, para agravar o encantamento, entra num constante conflito, tão típico da essência barroca, entre resistir ou deixar-se seduzir.

Mas o que parece aproximar mais os dois poemas é a religiosidade que fica evidente através dos termos empregados nos dois poemas. Implicitamente é possível observar nas figuras femininas construídas, tanto por um quanto por outro poeta, características que remetem à figura

mitológica cristã de Eva. A mulher pecadora e que seduz o homem e o induz ao pecado é cantada em versos por um autor do século XVI e outro do século XX como se não houvesse, sequer, se passado tanto tempo assim entre os dois.

## O REALISMO DE BILAC

Diante de facetas tão distintas, seria possível até imaginar que um poeta como Augusto dos Anjos aderisse à ideia bizarra, ao mesmo tempo interessante, de Fernando Pessoa em criar heterônimos (com personalidades próprias, data de nascimento, profissão e tudo o mais) para cada um dos estilos que desenvolveu. Pensando assim, é certo que, como Pessoa, alguns poemas de Augusto dos Anjos não se encaixam tão claramente nessa ou naquela escola, mas são composições cuja característica é a própria do autor. Algo que o identifica por ele mesmo, sem nuances românticas ou barrocas.

Talvez a criação de heterônimos seja possível para o poeta português que tão bem distinguiu a si e aos seus outros “eus”, mas para Augusto a distinção seria bem mais difícil, pois a cada poema com fortes tendências de outro estilo literário, o poeta introduz ingredientes novos, sempre criando e recriando.

Exemplo disso é o poema *Versos íntimos*, cuja linguagem dispensa apresentações, pois a cada verso aponta-se uma realidade dura e caroável da qual parece ser impossível fugir:

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão — esta pantera —  
Foi tua companheira inseparável!  
Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.  
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.  
Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

Em *Versos íntimos* há uma clara evidência de Realismo, já que todos os sentimentos expostos pelo eu-lírico remetem à difícil tarefa de lidar com o fato real, o concreto, sem mistificações. No entanto, a forma como o eu-lírico faz transcender esses sentimentos no poema é que o torna próprio de Augusto dos Anjos.

É interessante notar que o eu-lírico dirige-se a alguém, revelado pelo sujeito oculto do verbo *ver*. O “tu” escondido por entre os versos nos faz pressupor que o eu-lírico dirige-se a uma segunda pessoa que pode

perfeitamente ser o próprio leitor. Recurso semelhante Machado de Assis emprega em romances clássicos da literatura como *Dom Casmurro*, no capítulo "A leitora".

Ao mesmo tempo, em se tratando de poesia, é possível pensar que esse mesmo "tu" refira-se ao próprio eu-lírico, como se fosse um desdobramento do "eu", para sugerir uma atitude autorreflexiva. Nesse sentido, sentimentos tão particulares traduzidos em "versos íntimos" como decepção e ingratidão, tornam-se universais, pois esse "tu" pode ter além do sentido individual de alterego, o genérico, já que todo ser humano, ao menos uma vez na vida, atravessou ou se viu atravessado por esses mesmos sentimentos.

Tal modo de conceber a poesia a partir de um eu-lírico dialógico não é mérito de Augusto dos Anjos, Olavo Bilac foi um grande divulgador desse recurso poético. Fundador do estilo literário poético de maior duração no Brasil, Bilac é considerado um dos escritores mais engajados no período literário a que pertenceu: o Parnasianismo. Não por acaso, o poeta da arte pela arte foi denominado ainda em vida como o "príncipe dos poetas", título aclamado por adeptos do estilo e repudiado por outros modernos que haveriam de vir.

Vale lembrar que os livros didáticos trazem o Modernismo, na primeira fase, como o movimento de repúdio ao passado, à toda criação literária precedente, sobretudo ao Parnasianismo, haja visto poemas, como *Os sapos* de Manuel Bandeira, revelarem críticas contundentes aos poetas parnasianos.

Ironicamente, é a esse mesmo poeta que Augusto dos Anjos se assemelha quando cria, ou melhor, recria, o eu-lírico dialético, que fala de si para si, como se falasse alto, consigo mesmo. E como tudo no Realismo são provas e evidências, vamos a um exemplo claro desse aspecto em Olavo Bilac:

A velhice

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores moças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e de fadigas:  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo. Envelheçamos



Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Eis um exemplo claro do eu-lírico dialético que Olavo Bilac constrói em parte considerável nos poemas, inclusive nos de características mais “peculiares”. Mas deixemos esse assunto para um próximo artigo que por hora os Anjos nos bastam.

Através da forma imperativa do verbo, empregado logo no início do primeiro verso, o eu-lírico no texto bilaquiano convoca uma segunda pessoa a partilhar de sentimentos a respeito da velhice. O poema é otimista, a linguagem é incentivadora e sutil, real, mas sutil. O poema é, nada mais nada menos, do que um apelo aos que pretendem gozar de um envelhecimento calmo e sereno, uma espécie de canção à beleza do ato de envelhecer.

Nesse ponto, pode-se dizer que, dado o tom apelativo ou a intensidade da apelação transmitida pelo eu-lírico, o mesmo aspecto que aproxima o texto de um (Augusto dos Anjos) contrasta com a do outro (Olavo Bilac).

Bilac compõe, nesse caso, um poema de típicas dimensões realistas. A linguagem é clara e precisa, o conteúdo é simples, de caráter universal e o teor é equilibrado, como tudo pretende ser no Realismo. Vale lembrar que essa é uma estética que se contrapõem aos exageros e ao idealismo do Romantismo, exacerbado e desmedido.

Em contrapartida, a linguagem empregada por Augusto dos Anjos está longe de ser comedida, clara sim, mas comedida... nem em leituras mais aprofundadas! Nisso consiste o ingrediente novo acrescentado pelo poeta moderno, pois introduz uma dinâmica diferente ao diálogo que estabelece entre o eu e seu duplo. Traço que pode ser bem observado no seguinte poema:

A ilha de Cipango

Estou sozinho! A estrada se desdobra  
Como uma imensa e rutilante cobra  
De epiderme finíssima de areia...  
E por essa finíssima epiderme  
Eis-me passeando como um grande verme  
Que, ao sol, em plena podridão, passeia!

A agonia do sol vai ter começo!  
Caio de joelhos, trêmulo... Ofereço

Preces a Deus de amor e de respeito  
E o ocaso que nas águas se retrata  
Nitidamente reproduz, exata,  
A saudade interior que há no meu peito.

Tenho alucinações de toda a sorte...  
Impressionado sem cessar com a Morte  
E sentindo o que um lázaro não sente,  
Em negras nuances lúgubres e aziagas  
Vejo terribilíssimas adagas,  
Atravessando os ares bruscamente.

Os olhos volvo para o céu divino  
E observo-me pigmeu e pequenino  
Através de minúsculos espelhos.  
Assim, quem diante duma cordilheira,  
Pára, entre assombros, pela vez primeira,  
Sente vontade de cair de joelhos!

Soa o rumor fatídico dos ventos,  
Anunciando desmoronamentos  
De mil lajedos sobre mil lajedos...  
E ao longe soam trágicos fracassos  
De heróis, partindo e fraturando os braços  
Nas pontas escarpadas dos rochedos!

Mas de repente, num enleio doce,  
Qual se num sonho arrebatado fosse,  
Na ilha encantada de Cipango tombo,  
Da qual, no meio, em luz perpétua, brilha  
A árvore da perpétua maravilha,  
A cuja sombra descansou Colombo!

Foi nessa ilha encantada de Cipango,  
Verde, afetando a forma, de um losango,  
Rica, ostentando amplo floral risonho,  
Que Toscanelli viu seu sonho extinto  
E como sucedeu a Afonso Quinto  
Foi sobre essa ilha que extingui meu sonho!

Lembro-me bem. Nesse maldito dia  
O gênio singular da Fantasia  
Convidou-me a sorrir para um passeio.  
Íríamos a um país de eternas pazes  
Onde em cada deserto há mil oásis  
E em cada rocha um cristalino veio.

Gozei numa hora séculos de afagos,  
Banhei-me na água de risonhos lagos,  
E finalmente me cobri de flores...  
Mas veio o vento que a Desgraça espalha  
E cobriu-me com o pano da mortalha,  
Que estou cosendo para os meus amores!

Desde então para cá fiquei sombrio!  
Um penetrante e corrosivo frio  
Anestesiou-me a sensibilidade  
E a grandes golpes arrancou as raízes  
Que prendiam meus dias infelizes  
A um sonho antigo de felicidade!

Invoco os Deuses salvadores do erro.  
A tarde morre. Passa o seu enterro!...  
A luz descreve ziguezagues tortos  
Enviando à terra os derradeiros beijos.  
Pela estrada feral dois realejos  
Estão chorando meus amores mortos!

E a treva ocupa toda a estrada longa...  
O Firmamento é uma caverna oblonga  
Em cujo fundo a Via-Láctea existe.  
E como agora a lua cheia brilha!  
Ilha maldita vinte vezes a ilha  
Que para todo o sempre me fez triste!

Mais uma vez o poeta moderno cria um poema cujas características estruturais não condizem com a proposta modernista de inovação formal. "A ilha de Cipango" apresenta nada mais nada menos do que doze estrofes em ritmo simétrico e versos decassílabos concatenados.

Além disso, observa-se que por meio de uma série de expressões como "Acostuma-te à lama que te espera!" e "A mão que afaga é a mesma que apedreja", Augusto constrói mais que um poema dialógico, quase um sermão de exortação. O tom é semelhante ao do poema de Bilac, o eu-lírico parece traduzir a voz da experiência de quem já passou por muita coisa na vida e sabe do que está falando. No entanto, a forma de persuadir aquele que lê ou ouve o texto é peculiar.

Se o poema de Bilac incentiva a apreciação da velhice como uma fase positiva a ser desfrutada com zelo, o de Augusto alerta para as mazelas da vida, como a ingratidão e a decadência física que, apesar de indesejáveis, são sentimentos inevitáveis e, portanto, tão reais quanto poderiam ser.

Novamente nesse poema aparece a linguagem grotesca, bem ao gosto dos Anjos, com direito a termos asquerosos como "verme" e "podridão"

para ilustrar o ato de se observar e constatar a decadência física e moral ocasionadas pelo envelhecimento.

Observamos, enfim, em Augusto dos Anjos, uma pluralidade incomum, digna de atenção especial, como já fizera Alfredo Bosi, na obra clássica *História concisa da Literatura Brasileira*, ao defini-lo como “o mais original dos poetas brasileiros”, e destacar essa característica principalmente como consequência da linguagem peculiar empregada pelo poeta:

Essa pluralidade deve-se ao caráter original, paradoxal, até mesmo chocante, da sua linguagem, tecida de vocábulos esdrúxulos e animada de uma virulência pessimista sem igual em nossas letras. Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um estético extremamente aberto que possa reconhecer, além do “mau gosto” do vocabulário rebuscado e científico, a *dimensão cósmica* e a *angústia moral* da sua poesia. (BOSI, 1994, p. 287-288) (Grifos do autor)

Até Bosi já atentava para os aspectos múltiplos de que a obra do poeta em questão é constituída. Para além da linguagem grotesca e da classificação metódica repetida pelos livros didáticos, encontra-se um Augusto muito mais complexo. Isso, é claro, apenas para aqueles que estiverem **abertos** a toda a dimensão poética a que esse poeta possa nos transportar.

Da mulher pecadora à inevitável velhice, o poeta dos Anjos trilha um caminho marcado pelas diferentes cores com que procura compor sua poesia. A cada novo poema, um universo é redescoberto e nesse interstício vai se formando uma tênue cadeia a que identificamos como o estilo próprio do autor.

Augusto dos Anjos dialoga com poetas de tempos tão idos e por ele nunca vividos: emprestando de cada um a forma particular de ver e traduzir a realidade. Sem perder, no entanto, a essência mesma de sua obra, cuja característica se molda justamente pelas múltiplas faces de que é construída. Por esse motivo, este não é um poeta que se possa encaixar em algum estilo literário, muito menos no rol dos escritores de transição, o seu estilo é a própria mistura, que faz dele, senão o único, o mais multifacetado dos poetas modernos.

## REFERÊNCIAS

*Augusto dos anjos*. Disponível em: [www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br). Acesso em: 13 mar. 2009

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade* – Estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Ltda., 2000.

CARA, Salete de Almeida. *A poesia lírica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FARACO & MOURA. *Língua e Literatura*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.